

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

22 a 29 de julho 2022 | www.abbc.org.br

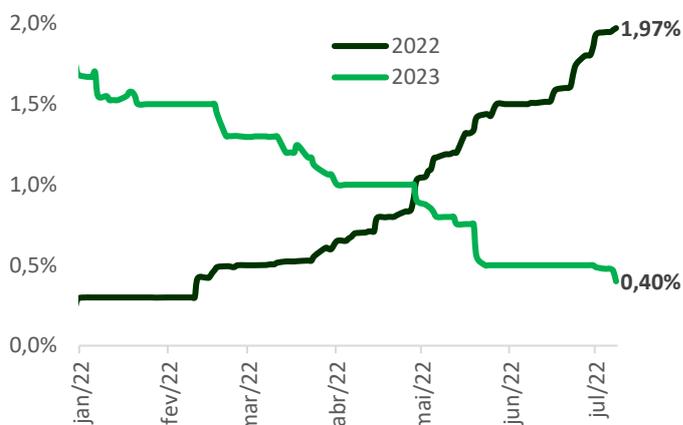


No aguardo dos próximos passos

Conforme antecipado, o Federal Reserve elevou na semana em 0,75 p.p. as taxas básicas de juros, para a faixa alvo de 2,25% e 2,50% a.a., diante da resiliência das pressões inflacionárias e do aperto no mercado de trabalho. Sem sinalização sobre a magnitude do ritmo de ajuste futuro, e reconhecendo uma desaceleração importante da economia norte-americana no 2T22, caracterizando uma recessão técnica, as projeções para os *Fed Funds* devem se equilibrar em torno de 3,5% a.a. ao final deste ano. A decisão contribuiu para o enfraquecimento da moeda norte-americana e para o maior apetite ao risco no mercado global. Com isso, o *Dollar Index* apontou queda de -0,77% na semana. Com melhor desempenho entre os seus pares emergentes, o dólar se depreciou -5,9% ante a divisa brasileira, para R\$/US\$ 5,17, a despeito da crescente preocupação com a trajetória fiscal. No âmbito doméstico, a inflação de curto prazo tem demonstrado sinais de arrefecimento, com o IPCA-15 desacelerando para 0,13% em jul/22 (11,39% em 12 meses), sob impacto da redução do ICMS em combustíveis e eletricidade. O resultado do IPCA-15 de julho, em conjunção às expectativas de curto prazo em patamar negativo trazem alívio, mas não alteraram o balanço de riscos para a inflação, ainda em patamar corrente elevado, núcleos e medidas subjacentes pressionados. Diante de um aperto monetário já bastante intenso, o Copom deve encerrar nessa semana o ciclo de aperto monetário ao elevar a Meta Selic em 0,5 p.p. para 13,75% a.a., com as atenções se voltando aos sinais dos próximos passos. Ademais, o mercado de trabalho encerrou o 1S22 em forte recuperação, ainda que apoiada na geração de vagas informais e na criação de vagas de menor remuneração, com a maior flexibilização das restrições sociais que impactaram notadamente o setor de serviços. Com isso, a taxa de desemprego encerrou em 9,3%, segundo a PNAD Contínua, no trimestre findo em jun/22. Ainda em junho, os dados do Caged, que apontam a geração de vagas de trabalho formal, registrou a criação líquida de 277,94 mil postos. Para a semana serão destaques além da reunião do Copom, as divulgações dos dados da Balança Comercial, Produção Industrial, Produção e Emplacamento de Veículos e dados de emprego nos EUA.

Expectativas

PIB - Mediana das Projeções (variação anual)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

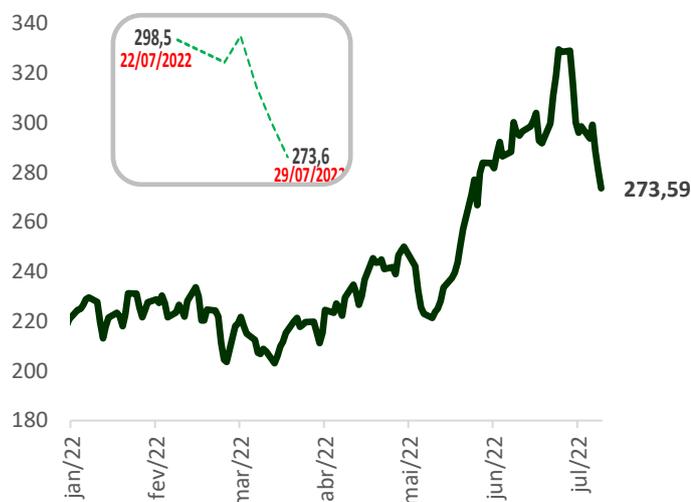
No Boletim Focus, a mediana das projeções de expansão do PIB para 2022 aumentou 0,04 p.p. em relação à versão anterior, para 1,97% (+0,46 p.p. em 4 semanas). Para 2023, o indicador reduziu -0,09 p.p. para 0,40% (+0,10 p.p. em 4 semanas), enquanto manteve-se estável em 1,70% para 2024 (-0,11% em 4 semanas). Respondendo ao IPCA-15 de julho abaixo dos esperados, em função fundamentalmente das medidas de redução de tributos sobre os combustíveis e energia, as estimativas para o IPCA para 2022 caíram novamente, -0,15 p.p. na semana, para 7,15% (-0,81 p.p. em 4 semanas). As de julho mantiveram-se em -0,65%, enquanto as de agosto passaram de 0,05% para -0,11% e as de setembro permaneceram em 0,50%. Todavia, como as medidas vigoram apenas até o final desse ano, as projeções para 2023, horizonte ainda considerado relevante para a política monetária, cresceram 0,03 p.p. para 5,33% (+0,32 p.p. em 4 semanas), afastando-se ainda mais do limite superior da meta de 4,75%. Para 2024, as estimativas continuaram em 3,30% (+0,05 p.p. em 4 semanas).

No caso da meta Selic, as projeções para 2022 mantiveram-se estáveis em 13,75% a.a., avançando 0,25 p.p. para 11,00% para 2023 (+0,50 p.p. em 4 semanas) e seguindo em 8,0% a.a. para 2024. As projeções para as taxas de câmbio continuaram em R\$/US\$ 5,20 aos finais deste ano e de 2023, e em R\$/US\$ 5,10 para o término de 2024. No campo fiscal, as expectativas para a dívida líquida do setor público aumentaram para 2022, 2023 e 2024, para 59,15% do PIB (59,0% anteriormente), 63,80% do PIB (63,60% antes) e 64,55% do PIB (64,10% anteriormente), na ordem. Já as estimativas para o resultado primário ampliaram-se de 0,22% do PIB para 0,30% para este ano, continuando em -0,30% do PIB em 2023 e em 0,00% em 2024. Por fim, espera-se que o déficit nominal fique em -6,80% do PIB em 2022, -7,70% do PIB em 2023 e recue para -5,60% do PIB em 2024 (-5,70% na leitura anterior).

Aversão ao Risco

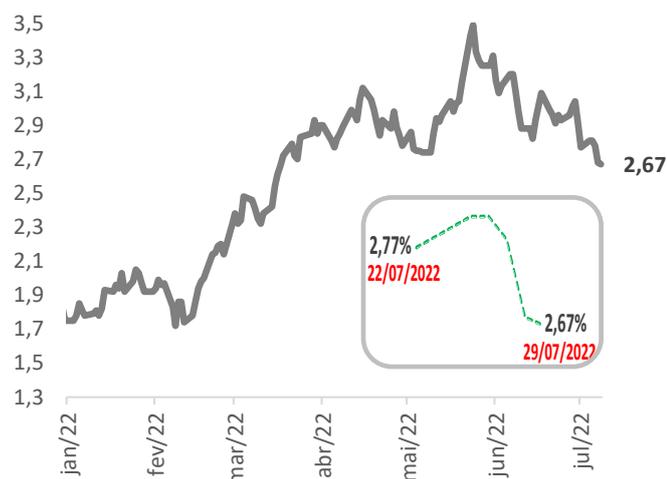
Credit Default Swap (CDS)

Variação na semana



Apesar da elevação em 0,75 p.p. na taxa básica de juros pelo *Federal Reserve (FED)*, conforme antecipado, a orientação para as próximas reuniões ficou em aberto, com a possibilidade de redução no ritmo de alta. A decisão foi em linha com os dados mais fracos da atividade econômica norte-americana, indicando que a economia está enfraquecendo mais rápido do que imaginavam. O movimento foi benéfico para os ativos de maior risco. Nesse sentido, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -24,87 bps. na semana para 273,59 bps..

T-Note - (% a.a.)



O retorno da *T-Note* com vencimento em 10 anos manteve trajetória cadente, em linha com a possibilidade de um aperto monetário menos intenso e recessão no radar. Assim, na semana, observou-se redução de -0,10 p.p. para 2,67% a.a.. Entretanto, a pressão no índice de preço, com o PCE de junho crescendo 1,0%, acima do esperado (0,6%), impediu uma retração mais intensa nos retornos dos vértices mais curtos, deixando o *spread* entre as taxas de 10 e 2 anos ainda em patamar negativo, reforçando os temores de recessão no horizonte.

Petróleo

Brent última cotação US\$

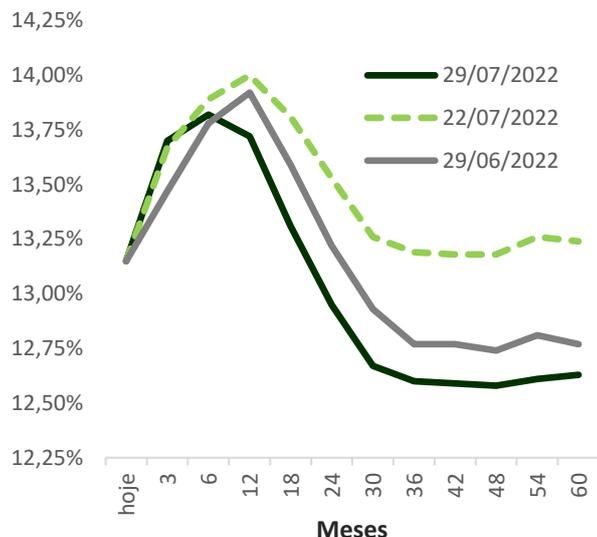


Também beneficiada pelo enfraquecimento do dólar no exterior e pela melhora na aversão ao risco, a cotação do barril de petróleo tipo Brent subiu 6,07% na semana para US\$ 110,01, voltando a ficar acima do patamar de US\$ 100,00. Ademais, pesou também na cotação da *commodity*, a redução de fornecimento de gás da Rússia para a Europa, aumentando ainda mais a tensão na região.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



A ETTJ apresentou queda nos prêmios ao longo da curva, principalmente nos vértices mais longos, beneficiada pelo exterior, com a queda nos retornos das *T-Notes*, e pelo cenário doméstico, com a possível trégua na escalada inflacionária, a despeito do aumento dos temores com a trajetória fiscal. A desaceleração da prévia do IPCA de julho e a possível deflação do índice cheio com o impacto da redução do ICMS em combustíveis e eletricidade, reduz a pressão de um aperto monetário mais intenso. Assim, na semana, observaram-se reduções de -0,58 p.p. no vértice de 24 meses, de -0,59 p.p. no de 36 meses e de -0,60 p.p. no de 48 meses..

Taxa Real de Juros (a.a.)

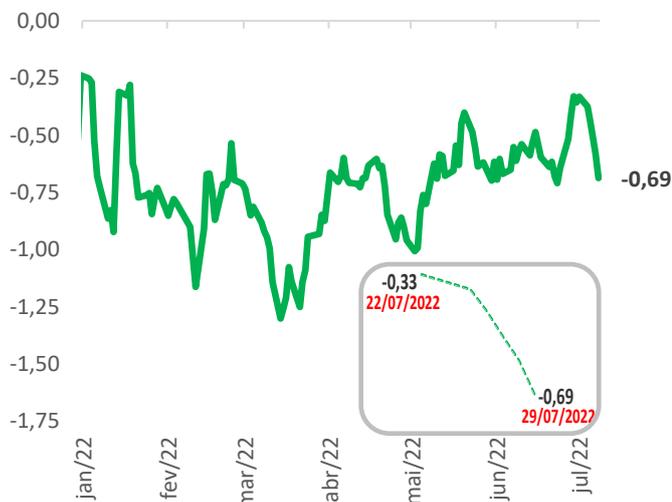
Ex-ante



Acompanhando o movimento, a taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias recuou -0,28 p.p. na semana para 13,72% a.a.. Dessa forma, com a alta de 0,15 p.p. no período da inflação esperada para os próximos 12 meses para 5,52%, a taxa real de juros *ex-ante* apresentou forte contração de -0,42 p.p. para 7,77% a.a..

Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)

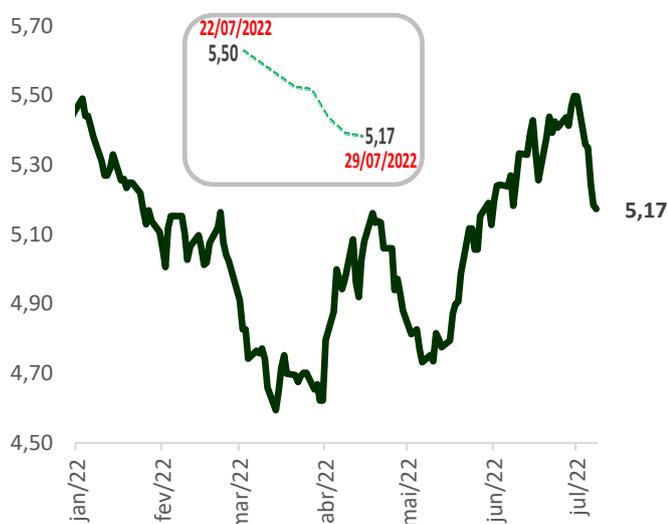


Por fim, o *spread* entre as taxas de juros de 1 e 10 anos, negociadas na Anbima, voltou a cair, -0,36 p.p. na semana, encerrando em -0,69 p.p.. Considerando a curva futura de juros, o *spread* entre 1 e 10 anos recuou -0,38 p.p. na semana para -0,96 p.p..

Fonte: B3. Elaboração ABBC

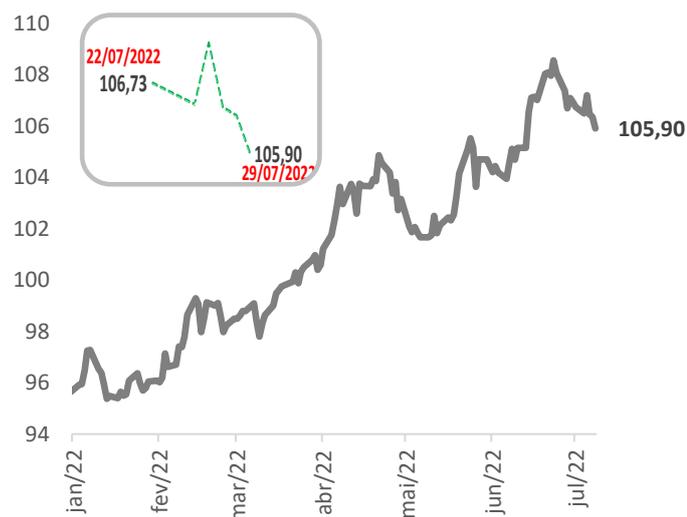
Câmbio

Real/US\$



O dólar perdeu força na semana, tanto em relação às moedas de países desenvolvidos quanto em relação às de países emergentes, respondendo ao comunicado da decisão do FED e aos dados mais fracos da atividade nos EUA, abrindo espaço para uma redução no ritmo de aperto monetário. Isto juntamente com a valorização das *commodities* no período, sustentaram um desempenho ainda melhor dos países exportadores.

Dollar Index



Assim, o *Dollar Index*, que calcula a variação da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, apresentou queda de -0,77% na semana, com destaques para as apreciações de 0,07% no euro e de 1,41% na libra esterlina. Em linha, o índice que mede o desempenho das moedas de países emergentes frente ao dólar subiu 0,90% no período, com destaques para as apreciações de 5,54% no peso chileno, de 3,73% no peso mexicano e no peso colombiano e de 1,21% no rand sul-africano.

Índice de Emergentes*



Ainda com elevada volatilidade, o real apresentou melhor desempenho do que seus pares de países emergentes, apesar do aumento das incertezas políticas e a crescente preocupação com o lado fiscal. Na semana, a cotação do dólar recuou -5,91% para R\$ 5,17. Com isso, o Banco Central manteve sua atuação no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/09/2022.

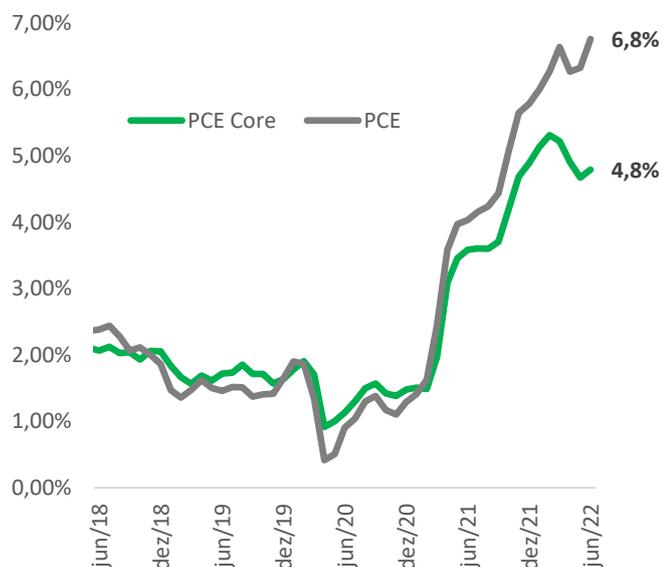
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

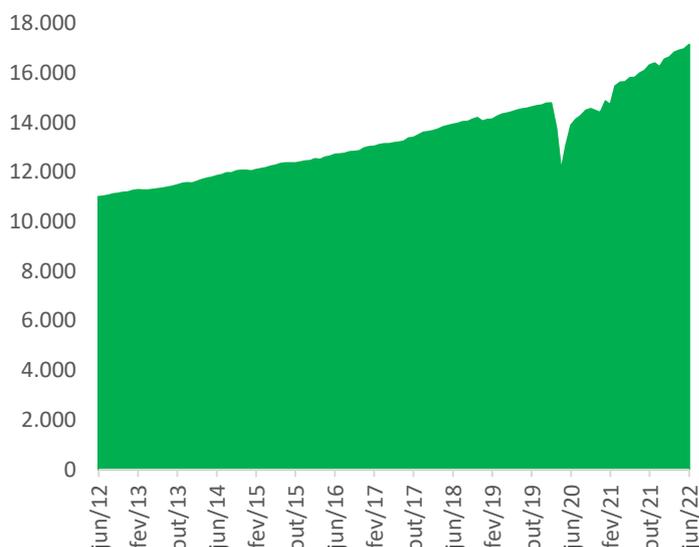
Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

EUA – Jul/22

PCE Personal Consumption Expenditures Variação Anual



Personal Consumption Expenditures Em US\$ bilhões - Dessazonalizado e Anualizado



Fonte: Fed. Elaboração ABBC

Como sinalizado anteriormente, e fortemente comprometido em viabilizar a ancoragem das expectativas e conduzir a taxa de inflação à meta de 2,0% a.a. no longo prazo, o Comitê de Política Monetária do Federal Reserve optou pela adoção de uma postura mais firme na condução da política monetária, elevando as taxas de juros em 0,75 p.p. para a faixa de 2,25% a.a. e 2,50% a.a..

A decisão refletiu os esforços da instituição para mitigar os impactos inflacionários do descompasso entre demanda e oferta, impostos pelas restrições das cadeias de suprimentos globais relacionadas à Guerra da Ucrânia, alta dos preços das commodities e demanda bastante elevada no país, representada pela taxa de desemprego baixa e os fortes ganhos salariais.

Além desta alta de 0,75 p.p. dos juros, o comitê sinalizou ainda aumentos contínuos das taxas de juros e a continuidade do plano de redução do tamanho do seu balanço, ao reduzir suas participações em títulos do Tesouro e dívida de agências e títulos lastreados em hipotecas, conforme descrito nos planos emitidos em maio. Acrescenta-se ao cenário, a surpresa negativa com o PCE de jun/22 dos EUA que subiu 1,0% no mês para 6,8% a.a.. O núcleo do PCE que exclui os preços de alimentos e energia, mais voláteis subiu 0,6% na margem, atingindo 4,8% a.a..

A maior alta foi dos preços de energia, que cresceram 7,5% em relação à mai/22 e expressivos 43,5% em relação ao mesmo mês de 2021. Enquanto a inflação de alimentos subiu 1,0% no mês e 11,2% na comparação com jun/21.

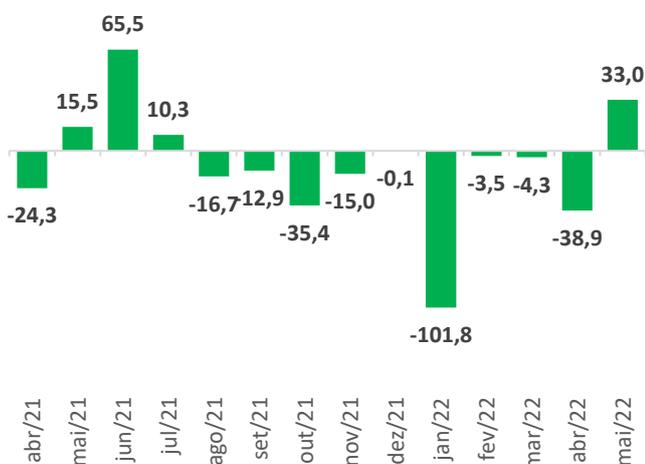
Já a renda pessoal nos Estados Unidos cresceu 0,6% em junho, na margem, superando as expectativas de mercado de acréscimo de 0,5%. Os gastos com consumo subiram 1,1% no mesmo período e vieram abaixo das expectativas de alta de 0,9%. Houve também revisão dos dados de renda pessoal de mai/22 para 0,6% (ante 0,5% da leitura anterior), bem como dos gastos pessoais que cresceram 0,3% (ante 0,2% anteriormente).

Ademais, segundo dados preliminares, o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos recuou 0,9%, em base anualizada, no 2T22, refletindo os recuos nos investimentos privados em estoque, em investimentos fixos residenciais, e nos gastos do governo federal, estaduais e locais, bem como nos investimentos fixos não residenciais, que foram parcialmente compensadas pelos aumentos nas exportações e nos gastos das famílias.

Fiscal – Out/21

Resultado Primário – Variação Mensal

Em bilhões

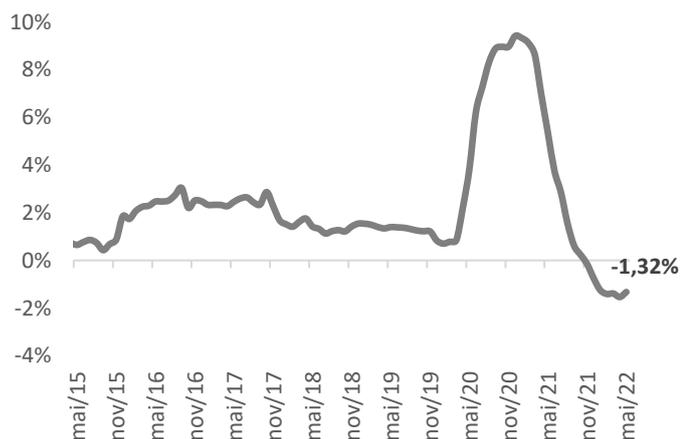


O setor público consolidado encerrou mai/22 com um déficit mensal de R\$ 33,0 bilhões contra um superávit de R\$ 38,9 bilhões no mês anterior. Considerando-se o resultado primário acumulado em 12 meses, em proporção do PIB, encerrou-se em -1,32% ante -1,53% no mês anterior e 5,37% em mai/21.

Esse foi o primeiro resultado negativo mensal desde jul/21, interrompendo uma sequência de superávits. O déficit em mensal está relacionado, entre outros fatores, à antecipação do calendário de pagamento dos benefícios previdenciários para aposentados e pensionistas e pelos resultados negativos nas contas do governo federal e das estatais, enquanto os estados tiveram saldo positivo.

Déficit Primário

Acumulado em 12 meses - em % do PIB

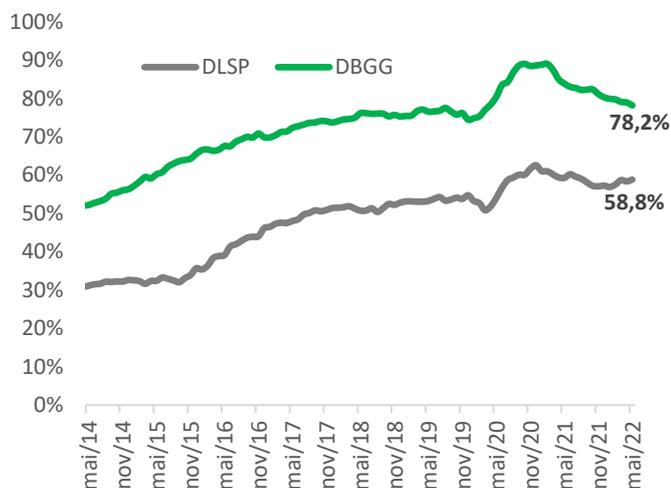


Apesar da piora em maio, as contas públicas registraram um superávit primário de R\$ 115,5 bilhões nos cinco primeiros meses deste ano. Em 12 meses, registrou superávit de R\$ 119,9 bilhões em 12 meses, o equivalente a 1,32% do PIB.

Ainda em termos do acumulado em 12 meses, em proporção do PIB, a conta de juros aumentou 0,05 p.p. no mês para 5,51% do PIB, acompanhando o aumento do custo nominal da dívida no período, em linha com o ciclo de aperto monetário e inflação elevada.

Evolução da Dívida

Acumulada em 12 meses - em % do PIB

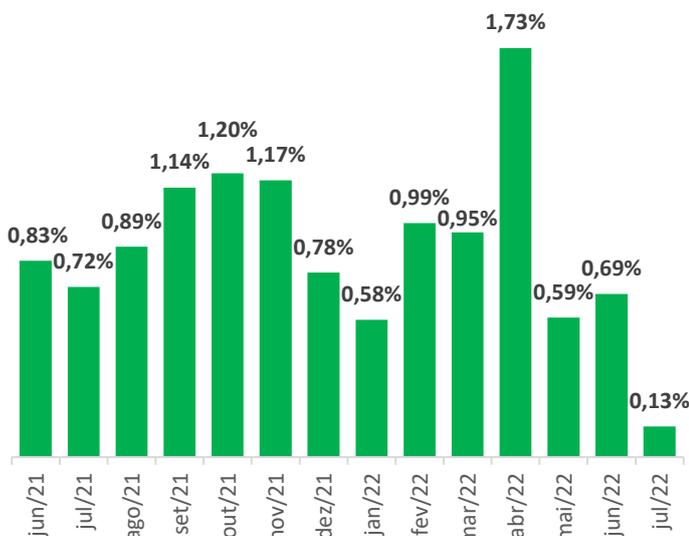


Contudo, na mesma base comparativa, o resultado nominal apresentou alta de 0,26 p.p. na margem, com o déficit encerrando em 4,19% do PIB.

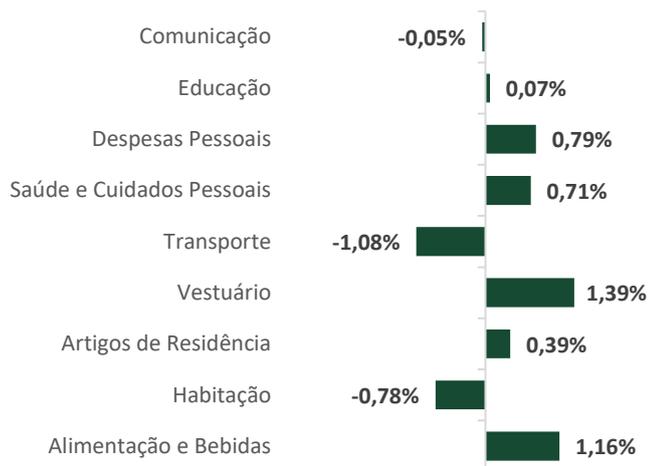
Por fim, em maio, verificou-se aumento na margem, da Dívida Líquida do Setor Público (DLSP), que subiu 0,47 p.p. para 58,8% do PIB, e redução marginal da Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG), que caiu -076 p.p. para 78,2% do PIB.

IPCA-15 - Jul/22

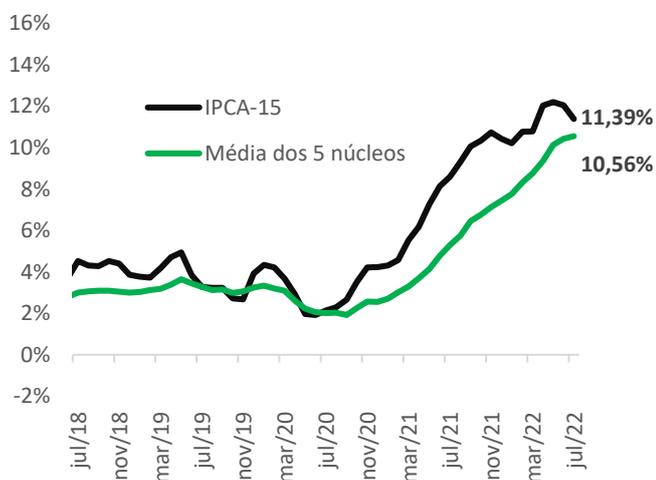
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Evolução Anual



Sob alívio da redução das alíquotas de impostos sobre os preços dos combustíveis e energia, o IPCA-15 desacelerou para 0,13% em julho, após avançar 0,69% no mês anterior. Abaixo das expectativas (0,18%), o resultado foi o menor desde jun/20. No ano, o indicador acumula alta de 5,79% e de 11,39% em 12 meses (12,04% a.a. em jun/22). A despeito da surpresa positiva com o resultado no mês, o balanço de riscos se mantém ainda muito negativo, com a inflação elevada e disseminada, e o índice de difusão ao redor de 70%.

No mês, a redução nos preços dos combustíveis (-4,88%), em particular da gasolina (-5,01%) e do etanol (-8,16%), assegurou que a variação de preços do grupo Transportes saísse de 0,84% em jun/22 para -1,08%. Já a deflação no item de energia elétrica (-4,61%) ajudou na redução de -0,78% no grupo Habitação. Conjuntamente, os dois grupos contribuíram com a queda de -0,36 p.p. no índice total do mês. Dessa forma, a inflação dos preços administrados arrefeceu de 0,86% em jun/22 para -1,50% (9,50% a.a.). No curto prazo, as desonerações devem seguir contribuindo para a queda dos preços monitorados.

Em sentido contrário, Alimentos e Bebidas aceleraram na margem, de 0,25% para 1,16%, pressionados por Alimentação no domicílio (1,12%), com destaque para o item leite e derivados (11,4%). As surpresas altistas dos núcleos também continuaram, especialmente nos serviços mais relacionados ao emprego e a renda. Assim, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central acelerou de 10,43% a.a. em jun/22 para 10,56% a.a..

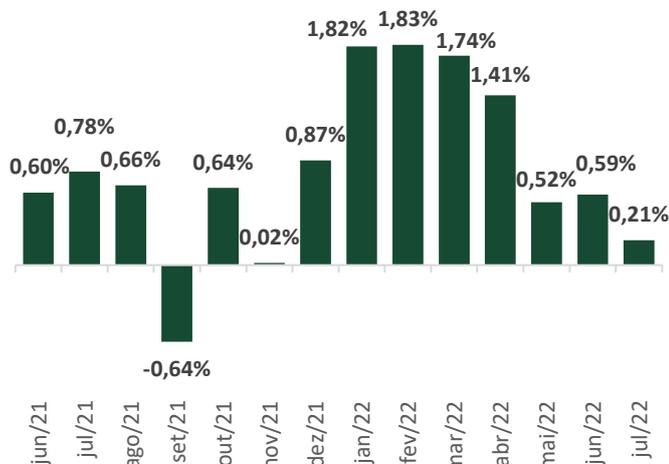
Adicionalmente, as diversas medidas de inflação subjacentes, cada vez mais distantes das metas, evidenciam a seriedade do cenário, a saber: 16,00% a.a. em alimentação, 13,08% a.a. em bens industriais e 9,05% a.a. em serviços.

Mesmo diante da extensão do ciclo do aperto monetário, ainda não se vislumbra uma melhora na dinâmica inflacionária, agravada por vetores externos como a elevação das *commodities* e da inflação global.

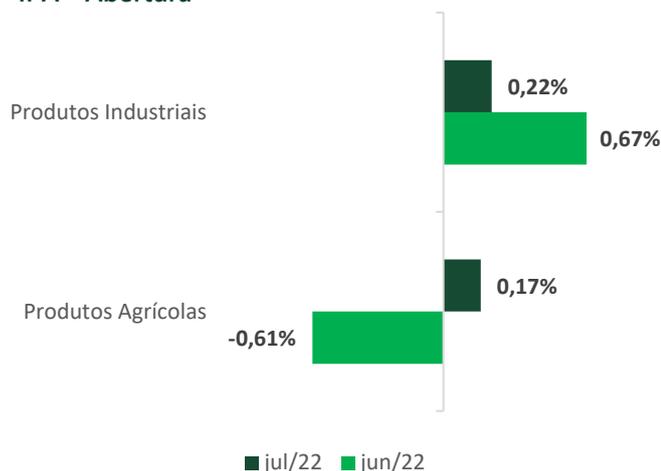
Fonte: IBGE Elaboração ABBC

IGP-M - Jul/22

Variação Mensal



Variação Mensal IPA - Abertura



Evolução Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Abaixo do esperado, o IGP-M de julho subiu 0,21%, desacelerando em relação a alta de 0,59% em junho. O movimento refletiu a descompressão generalizada dos componentes. No ano, o indicador acumulou alta de 8,39% e de 10,08% em 12 meses (10,70% a.a. em jun/22 e 33,83% a.a. em jul/21).

Refletindo o recuo nos preços internacionais de commodities, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) aumentou 0,21% no mês (0,30% em jun/22), ajudado pelo arrefecimento nos produtos industriais (de 0,67% para 0,22%), enquanto os agrícolas apresentaram elevação (de -0,61% para 0,22%). Na análise por estágios de processamento, a taxa dos bens finais variou de 0,58% para 0,69%, alavancado pelos combustíveis para o consumo (de -0,25% para 2,39%). Também com maior pressão em relação ao mês anterior, devido principalmente ao subgrupo combustíveis e lubrificantes para produção (de 6,81% para 9,96%), a variação dos bens intermediários passou de 0,85% para 2,00% em julho. Com deflação de -2,31% no mês, após cair -0,52% em junho, o estágio de matérias-primas brutas foi favorecido pelos itens: minério de ferro (de -0,32% para -11,98%), algodão em caroço (de 2,28% para -14,02%) e milho em grão (de -1,21% para -5,00%). Em contrapartida, os custos com bovinos e leite continuaram subindo.

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou deflação de -0,28% no mês (0,71% em j/22), com 6 das 8 classes de despesas componentes registrando decréscimo em suas taxas. Com a contribuição dos combustíveis, sobretudo gasolina (-7,26%) e etanol (-9,41%), a taxa do grupo Transportes oscilou de 0,09% para -2,42%. Destaques ainda para o arrefecimento em Educação, Leitura e Recreação (de 2,63% para -0,86%) e Habitação (de 0,65% para -0,30%). Em sentido contrário, os grupos Alimentação (de 0,74% para 1,47%) e Comunicação (de -0,49% para -0,16%) registraram acréscimo em suas taxas de variação.

Por fim, refletindo principalmente a desaceleração dos custos com mão de obra (de 4,37% para 1,76%), o Índice Nacional da Construção Civil (INCC) subiu 1,16% em julho (2,81% um mês antes). Houve queda ainda em Materiais e Equipamentos (de 1,58% para 0,62%) e Serviços (de 0,50% para 0,49%).

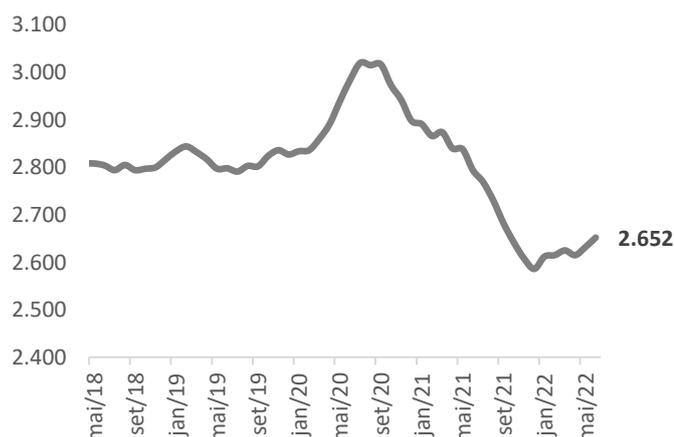
Emprego - Jun/22

PNAD: Taxa de Desocupação Trimestre móvel



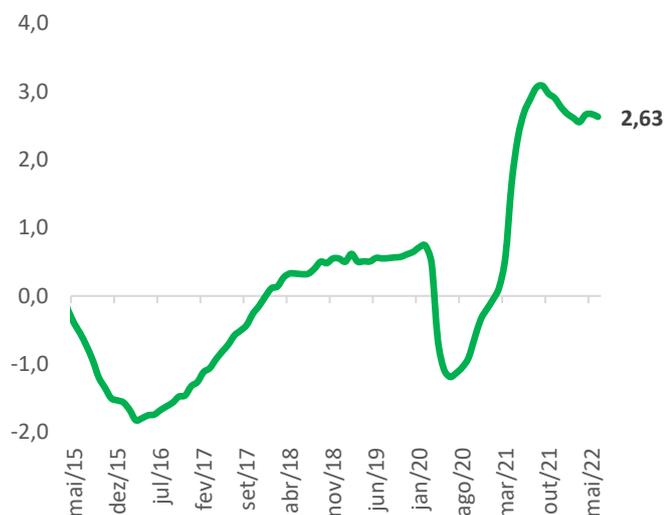
O mercado de trabalho encerrou o primeiro semestre de 2022 em recuperação. Contudo, alguns vetores ainda impedem um melhor desempenho. A recuperação no período vem apoiada na geração de vagas informais. Ademais, a criação de vagas de menor remuneração, juntamente com a inflação em patamar elevado têm pressionado a remuneração do trabalho, com queda real na comparação anual. Entretanto, o processo de reabertura dos mercados contribuiu significativamente na recuperação do mercado de trabalho, especialmente no setor de serviços, bastante impactado pelas medidas de isolamento.

PNAD: Rendimento Médio Real Todos os trabalhos - em R\$



Segundo a PNAD Contínua com o trimestre findo em junho, a taxa de desemprego encerrou em 9,30%, o menor patamar desde dez/15 (9,1%), o que representou quedas de -0,53 p.p. na margem e de -4,93 p.p. em 12 meses. O resultado foi alavancado pela redução de -5,2% a.m. e de -32,04% a.a. no total de desocupados para 10,08 milhões de pessoas. A recuperação segue mais intensa nos trabalhos informais, com alta de 23,0% a.a. para 13,04 milhões, contra alta de 11,5% a.a. no trabalho com carteira (35,78 milhões). Com a maior alta desde o início da série histórica (2012), o contingente da população ocupada atingiu 98,3 milhões, avanço de 9,9% a.a.. O aumento da ocupação e alguma melhora no nível de rendimento contribuiu para a expansão da massa de rendimento em termos reais, propiciando suporte ao consumo no primeiro semestre.

Caged: Geração de Empregos Acumulada em 12 meses – em milhões de pessoas Série ajustada com declarações fora do prazo



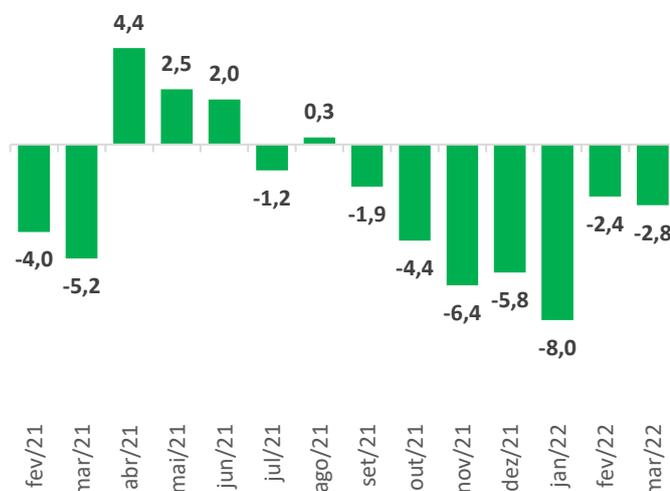
No período, o rendimento médio habitual real do trabalho fechou em R\$ 2.652,00, o que representou uma elevação de 1,03% no trimestre, porém uma contração de -5,08% em 12 meses. Já a massa salarial cresceu 4,42% na margem e 4,78% a.a..

Ainda em junho, os dados do Caged, que apontam a geração de vagas de trabalho formal, registrou a criação líquida de 277,94 mil postos, oriundos de 1.898.876 admissões e 1.620.932 demissões. Com isso, o primeiro semestre encerrou com o total de 1,33 milhão de vagas criadas, uma queda de -9,75% frente ao mesmo período do ano anterior. Em 12 meses, acumulou 2,63 milhões de postos de trabalho. Apesar do patamar elevado, representou uma contração de -2,17% a.a.. O desempenho no período foi alavancado pela criação de 1,41 milhão de vagas no setor de serviço.

Fonte: IBGE/CAGED. Elaboração ABBC

Transações Correntes – Mar/22

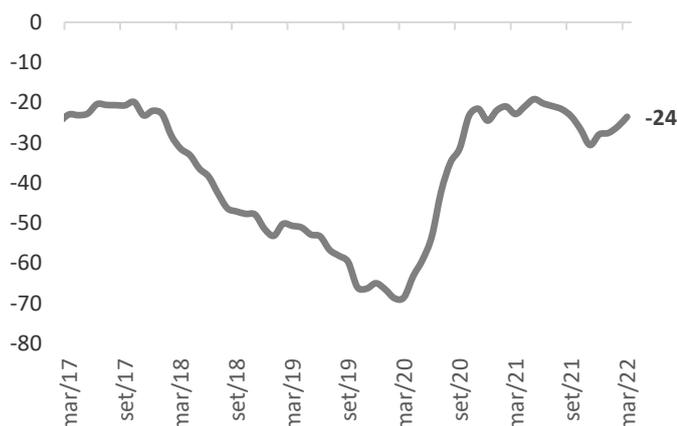
Saldo Mensal - Transações Correntes Em US\$ bilhões



Em março, o saldo em transações ficou negativo em US\$ -2,8 bilhões, após um déficit de US\$ -2,4 bilhões no mês anterior (US\$ -5,2 bilhões em mar/21).

O resultado do mês foi influenciado pelo déficit na conta de renda primária, que atingiu US\$ -6,9 bilhões em mar/22 (US\$ -4,4 bilhões em fev/22), com o forte aumento das remessas de lucros e dividendos, além do déficit da conta de serviços, que ficou em US\$ -2,2 bilhões, ante US\$ -1,8 bilhões em fev/22. Destaque também para o desempenho favorável da balança comercial, que saiu de um superávit de US\$ 3,6 bilhões em fev/22 para US\$ 6,1 bilhões em março, movimento impulsionado por um crescimento no valor das exportações, sob efeito da elevação dos preços de *commodities*.

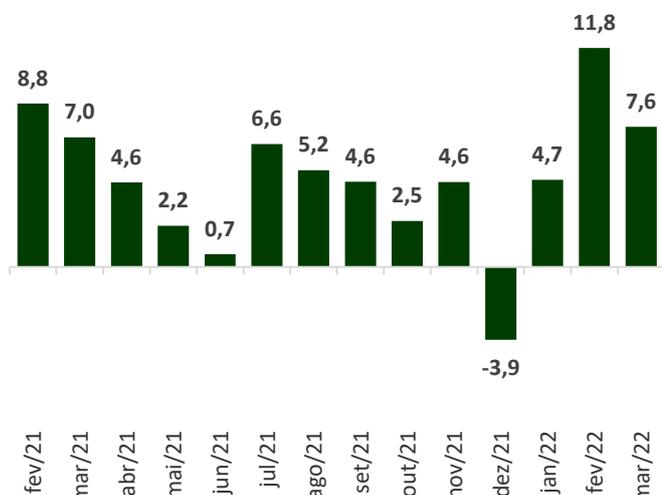
Saldo Transações Correntes Acumulado em 12 meses - em US\$ bilhões



Com isso, o déficit em transações correntes acumulado em 12 meses totalizou US\$ -23,5 bilhões (1,41% do PIB), o que representou redução de -9,3% na margem, de -15,7% no ano e elevação de 3,1% a.a..

A entrada de Investimento Direto no País (IDP) fechou em US\$ 7,6 bilhões em março, após o ingresso de US\$ 11,8 bilhões no mês anterior. Assim, o IDP acumulado em 12 meses ficou em US\$ 51,2 bilhões (3,08% do PIB), mantendo sua trajetória crescente, com elevação de 1,1% no mês, 10,4% no ano e 16,5% a.a..

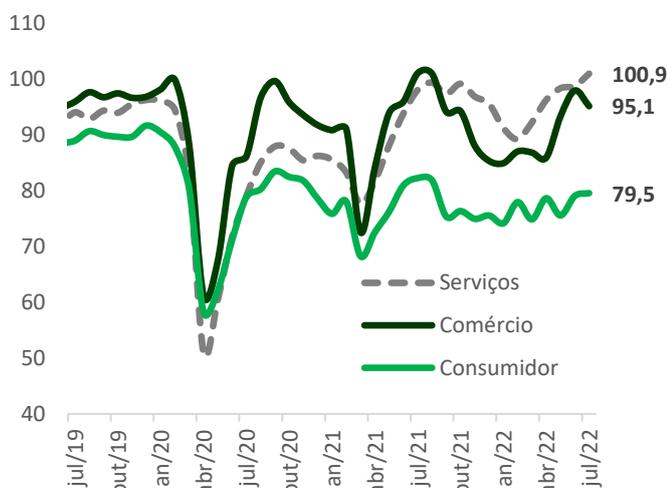
Saldo Mensal – Investimento Direto no País Em US\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

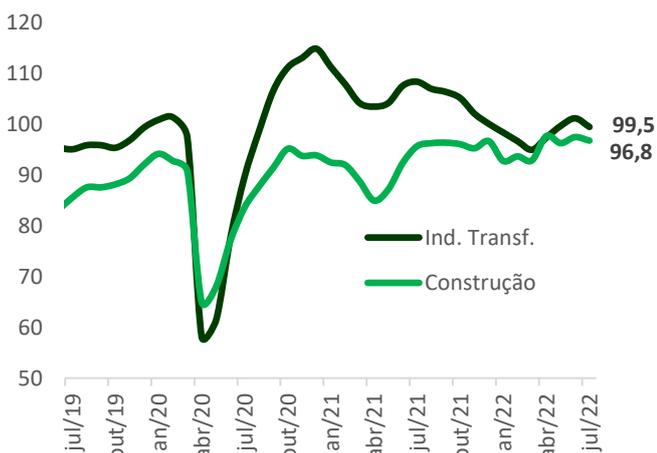
Sondagens FGV - Jul/22

Índices de Confiança Com ajuste sazonal



Os indicadores de confiança, elaborados pela FGV, apresentaram resultados pouco animadores em julho, evidenciando a piora do cenário atual, exceção às sondagens de serviços, beneficiada pelo processo de reabertura dos mercados, e do consumidor, ainda com os efeitos dos programas de recomposição de renda do governo federal.

Índices de Confiança Com ajuste sazonal



Em julho, o setor de serviços subiu 2,2 pts. na margem para 100,9 pts., alta de 5,4 pts. em 12 meses. Encerrando em 79,5 pts., a confiança do consumidor cresceu somente 0,5 pts. no mês, indicando que os efeitos dos estímulos governamentais começam a perder força e não conseguem reverter a percepção ruim da situação financeira das famílias. Ademais, o cenário de elevadas taxas de inflação e juros, comprimem ainda mais o orçamento familiar. Nesse contexto, ainda no mês, a sondagem do comércio encerrou em 95,1 pts., o que representou contrações de -2,8 pts. na margem e de -5,9 pts. em 12 meses.

Utilização da Capacidade Instalada



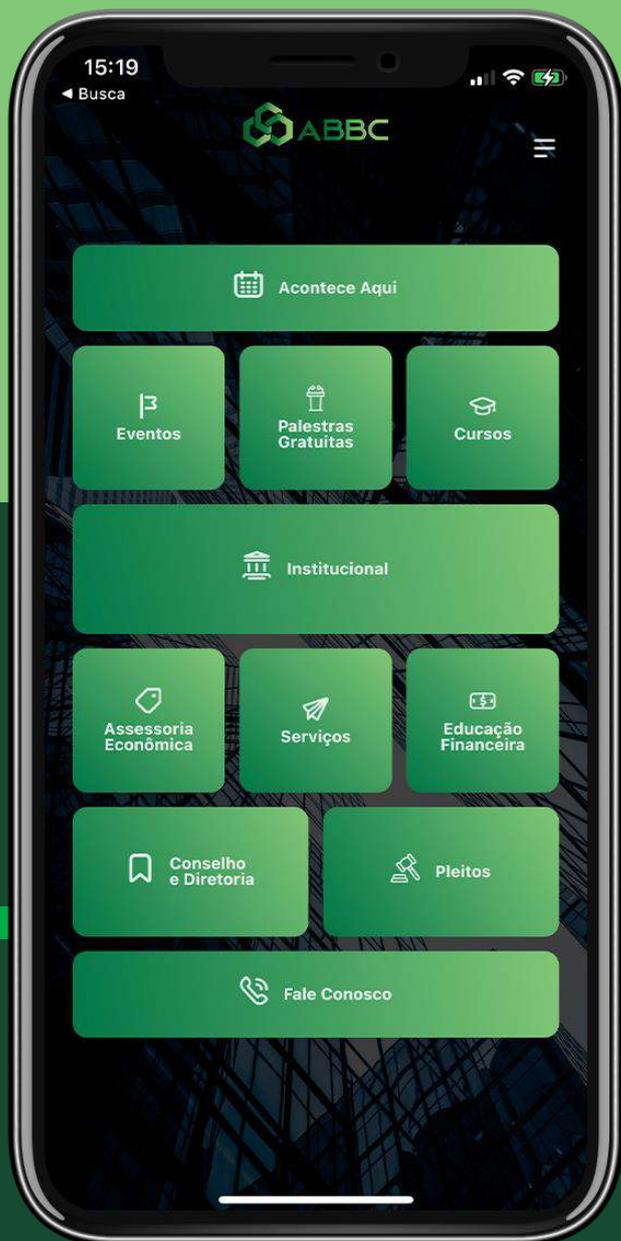
Os índices de confiança da indústria de transformação e da construção também apresentaram desempenho negativos em julho, com quedas na margem de -1,7 pt. (99,5 pts.) e -0,7 pt. (96,8 pts.), respectivamente. Além do aperto das condições financeiras, pesaram o aumento dos juros, em linha com o ciclo de aperto monetário, e a elevação das incertezas, principalmente a política, com a proximidade das eleições.

Apesar da perda de confiança, verificaram-se novas altas marginais no Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI), tanto para a indústria quanto para a construção. Com alta de 0,8 p.p., o NUCI para construção encerrou em 77,9% ante 73,7% em jul/21. Encerrando em 81,7%, o NUCI da indústria de transformação acumulou altas de 0,9 p.p. no mês e de 2,2 p.p. em 12 meses.

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,7	0,5
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	9,5	10,0
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	7,2	5,4
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	11,5	4,8
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	10,75
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	70,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-18,0	-30,6
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	58,5	66,2
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	0,1	-0,2
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,7	-7,6
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	79,0	82,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688